

Hospitais em situação de emergência

Guaíra Flor e
Gabriela Prado
Da equipe do Correio

Os pacientes que procuram a emergência e cirurgia do Hospital Universitário de Brasília (HUB), amanhã, correm o risco de voltar para casa sem atendimento. Os servidores destas áreas avisaram na sexta-feira: não têm dinheiro para ir trabalhar. O motivo foi a suspensão de salários dos funcionários das universidades federais, decretada pelo ministro da Educação, Paulo Renato Souza, há duas semanas. A intenção é forçar os funcionários em greve a voltarem ao trabalho. Como a folha de pagamento é unificada, todo mundo ficou sem salário no dia do paga-

ATENDIMENTO

O HUB realiza todos os meses

30 MIL
consultas

150
partos

500
cirurgias e

55 MIL
exames

mento (quarta-feira passada). Inclusive quem não aderiu à paralisação, como o pessoal dos Hospitais Universitários (HUs).

O ministro tentou não afetar os hospitais, liberando R\$ 42 milhões para o pagamento de seus funcionários. Mas separar a equipe dos HUs do resto dos servidores não é fácil. Apesar de duas universidades conseguiram pagar médicos, enfermeiros e servidores na semana passada: as Federais de Pernambuco e do Rio Grande do Norte.

No Distrito Federal, não há previsão para o depósito dos salários. "Precisamos separar os nomes manualmente e isso leva tempo", lamenta Joel Veiga, vice-diretor do HUB.

"Isso é grave. Principalmente para quem ganha

pouco, como os auxiliares de enfermagem que recebem menos de R\$ 350 por mês."

A situação no resto do país não é diferente. O Hospital Universitário de Santa Catarina (HUSC) corre o risco de parar a partir da terça-feira. Segundo Fernando Machado, diretor da instituição, muitos servidores não têm dinheiro sequer para pagar o ônibus. E, se o número de funcionários diminuir, cairá a quantidade de atendimentos.

Todos os HUs do país são fundamentais para a comunidade que atendem. Eles são os únicos da rede pública autorizados

a realizar procedimentos complicados, como cirurgias de redução de estômago e alguns transplantes. Também possuem um atendimento de altíssima qualidade, apesar da falta de equipamentos e recursos. O HUB, por exemplo, é o melhor do Distrito Federal em neurocirurgias, tratamento de idosos e distúrbios do sono. Com um grande diferencial: a humanidade do atendimento.

Para a aposentada Edina da Penha, 70 anos, o melhor dos hospitais universitários são os profissionais. "Aqui, só tem gente boa", comenta. "Eles cuidam da

gente com carinho. Ninguém fica de cara feia e nem parece que as enfermeiras estão sem salário". A senhora soridente ficou internada no HUB por uma semana e só faz elogios. "Aqui é bem melhor que nos outros lugares onde me tratei", compara. "Nunca fui tratada com tanto respeito antes. E olha que já fui internada no Hospital de Base e no Regional de Taguatinga (HRT). Ela teve alta na sexta-feira passada.

"Temos muitos alunos e médicos recém-formados trabalhando aqui. E esse tipo de profissional se dedica mais ao paciente, pois tem sede de apren-

der e ajudar", explica o vice-diretor do HUB. Quando o doente não tem condições financeiras para melhorar em casa, os médicos procuram mantê-lo internado para garantir uma boa alimentação. Se falta dinheiro para voltar para casa, o Serviço Social do HUB arruma um jeito de transportá-lo. Sem falar na qualificação da maioria dos médicos — professores universitários com doutorado, pós-doutorado e cursos no exterior. "Esta é a maior riqueza dos HUs", resume Éfrem Maranhão, diretor do Hospital da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Sérgio Amaral



EDINA DA PENHA SOFRE DE DIABETES, REUMATISMO E DO CORAÇÃO. ELOGIA O ATENDIMENTO DO HUB: "NUNCA FUI TRATADA COM TANTO RESPEITO ANTES"